

*Pai
Nosso*

A . W . P I N K



O Pai Nosso

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Henrique Curcio

Revisão: Jacqueline Moura

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
PAI NOSSO, QUE ESTÁS NOS CÉUS.....	13
SANTIFICADO SEJA O TEU NOME	21
VENHA O TEU REINO	31
FAÇA-SE SUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU	40
O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE.....	50
E PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO NÓS TEMOS PERDOADO AOS NOSSOS DEVEDORES.....	58
E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO	67
MAS LIVRA-NOS DO MAL.....	76
POIS TEU É O REINO, O PODER E A GLÓRIA PARA SEMPRE. AMÉM!	84
COMO AJUDAR NOSSO MINISTÉRIO	93

O PAI NOSSO

“Pai nosso, que estás nos céus,

santificado seja o teu nome;

venha o teu reino;

faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;

o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós

temos perdoado aos nossos devedores;

e não nos deixes cair em tentação;

mas livra-nos do mal

[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre.

Amém]!”

Mateus 6:9-13



Introdução

Depois de tudo o que foi dito e escrito por homens piedosos sobre essa oração, precisamos de algo melhor do que aquilo que é de origem meramente humana para nos guiar se quisermos cumprir corretamente este dever essencial. As criaturas ignorantes e pecadoras, como nós, só podem se esforçar para chegar diante do Deus Altíssimo e entenderem como devem orar,

quando escutam primeiro o que Grande Ouvinte de orações tem o prazer de revelar. Isto Ele já fez:

1. Abrindo uma nova e viva forma de acesso à Sua presença imediata para o maior dos pecadores;
2. Indicando a oração como o principal meio de relacionamento e bênção entre Ele e Seu povo;
3. Fornecendo graciosamente um padrão perfeito o qual as orações de Seu povo devem ser modeladas.

Observe a sábia instrução da *Confissão de Westminster*: “Toda a Palavra de Deus é útil para nos dirigir em oração, mas a regra especial de direcionamento é aquela forma de oração que Cristo ensinou aos seus discípulos, e que geralmente se chama a Oração Dominical.” Desde os primeiros tempos essa oração foi chamada de “Oração do Senhor”, não porque seja uma oração que Ele mesmo dirigiu ao Pai, mas, porque foi graciosamente fornecida por Ele para nos ensinar tanto a maneira, como o método e os assuntos pelos quais devemos orar. Deve, portanto, ser altamente valorizada pelos cristãos. Cristo conhecia tanto nossas necessidades quanto a boa vontade do Pai para conosco, e assim, Ele misericordiosamente nos forneceu um

diretório simples, mas abrangente. Cada parte ou aspecto da oração é importante. A adoração é encontrada em suas cláusulas de abertura e de ação de graças na conclusão. A confissão é necessariamente implícita, pois o que é pedido supõe nossa fraqueza ou pecaminosidade. As petições fornecem a substância principal, como em todas as orações. Intercessão e súplica em nome da glória de Deus e pelo triunfo de Seu Reino e vontade revelada estão envolvidas nas três primeiras petições, enquanto as quatro últimas se preocupam com súplicas e intercessões relativas as nossas próprias necessidades pessoais e as dos outros, como é indicado pelos pronomes no plural.

Esta oração é encontrada duas vezes no Novo Testamento, sendo dada por Cristo em duas ocasiões diferentes. Isto, sem dúvida, é uma dica para os pregadores reiterarem o que é de fundamental importância. As variações são significativas. A linguagem de Mateus 6:9 indica que esta oração nos é dada como um modelo, mas as palavras de Lucas 11:2 indicam que ela deve ser usada por nós como uma forma. Como tudo na Escritura, esta oração é perfeita — perfeita em sua ordem, construção e redação.

Sua ordem é:

1. Adoração;
2. Súplica e;
3. Argumentação.

Suas petições são sete. É praticamente um sumário dos Salmos e um excelente resumo de todas as orações. Cada cláusula nela ocorre no Antigo Testamento, denotando que nossas orações devem ser bíblicas para serem aceitáveis. “E esta é a confiança que temos para com Ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele nos ouve” (1 Jo 5:14). Mas não podemos conhecer Sua vontade se ignoramos Sua Palavra.

Foi alegado que esta oração foi projetada apenas para o uso temporário dos primeiros discípulos de Cristo, até o momento em que a nova aliança fosse inaugurada. Mas tanto Mateus quanto Lucas escreveram seus Evangelhos anos após o início da dispensação cristã, e nenhum deles dá qualquer informação de que ela havia se tornado obsoleta e não deveria mais ser usada pelos cristãos. Alguns sustentam que esta oração não é adequada agora para os crentes, na medida em que as petições nela contidas não são oferecidas em nome de Cristo, e não contêm nenhuma referência

expressa a sua expiação e intercessão. Mas isto é um grave equívoco e erro; pois por paridade de raciocínio, nenhuma das orações do Antigo Testamento, na verdade, nenhum dos Salmos, poderia ser usado por nós! Mas as orações dos crentes do Antigo Testamento foram apresentadas a Deus por causa de Seu nome; e Cristo era o Anjo da Aliança de quem foi dito: “pois nele está o meu nome” (Ex 23:20,21). Não só a Oração do Senhor deve ser oferecida com base na mediação de Cristo, mas é o que Ele dirige e nos autoriza especialmente a oferecer.

Em tempos mais recentes, certos estudantes de profecia se opuseram ao uso desta oração por motivos “*dispensacionais*”, argumentando que ela é exclusivamente uma oração judaica e legalista em seu teor. Mas isto não é nada mais do que uma tentativa gritante de Satanás de roubar dos filhos de Deus uma porção valiosa de sua alegria. Cristo não deu esta oração aos judeus como judeus, mas a seus discípulos. É dirigido a “Nosso Pai”, portanto, deve ser usada por todos os membros de Sua família. Está registrado não somente em Mateus, mas também em Lucas, o Evangelho focado para os gentios. O mandamento de

O PAI NOSSO

Cristo, após Sua ressurreição, era para que Seus discípulos ensinassem os crentes a observar todas as coisas que Ele lhes ordenou (Mt 28:20), incluindo o Seu mandamento em Mateus 6:9-13. Não há nada nessa oração que seja inadequada ao cristão de hoje, e tudo nela é necessário.

Há muito tempo é motivo de disputa, o que deu origem a muita controvérsia, se a oração do Senhor deve ser considerada como uma oração a ser recitada ou um padrão a ser imitado. A resposta correta a esta pergunta é que ela deve ser considerada como uma forma e um padrão. Em Mateus, ela é manifestamente apresentada como um exemplo ou padrão do tipo de oração que deve ser oferecida. “Portanto, vós orareis assim...” Devemos orar com essa reverência, humildade, seriedade, confiança em Deus, preocupando-nos com Sua glória, amando a humanidade, em submissão, em moderação nas coisas temporais e com seriedade nas coisas espirituais. Mas em Lucas 11:2 encontramos nosso Senhor ensinando isto: “Quando orardes, dizei...”, ou seja, devemos usar Suas palavras como nossa oração. É, portanto, o dever dos discípulos de Cristo em suas orações, tanto usar a oração do Senhor continuamente

como um padrão e as vezes como uma forma.

Quanto àqueles que se opõem ao uso de qualquer forma de oração, lembremos que o próprio Deus muitas vezes coloca na boca de seu povo carente a linguagem que eles devem empregar para se aproximar d'Ele. Por exemplo, o Senhor diz a Israel: “Tende convosco palavras de arrependimento e convertei-vos ao Senhor; dissei-lhe: Perdoa toda iniquidade, aceita o que é bom e, em vez de novilhos, os sacrifícios dos nossos lábios” (Os 14:2). Sem dúvida, precisamos estar muito atentos contra o meramente formal, e ainda mais contra uma observância supersticiosa da Oração do Senhor. No entanto, devemos evitar ir para o extremo oposto e nunca a usar de forma alguma. Na minha opinião, ela deveria ser recitada reverentemente e com sentimento, uma vez em cada serviço público e usada diariamente no culto familiar. O fato de ter sido pervertido por alguns, cuja o uso muito frequente parece equivaler às “vãs repetições” que o Salvador proibiu (Mt 6:7), não é razão válida para sermos totalmente privados de recitá-la no Trono da Graça, no Espírito que nosso Senhor inculcou e nas próprias palavras que Ele ditou.

Em cada expressão, petição e argumento desta

O PAI NOSSO

oração, nós vemos Jesus: Ele e o Pai são um só. Ele tem o “Nome” que lhe é dado e que está acima de qualquer nome. Ele é o abençoado e único Soberano, e Seu “Reino” governa sobre todos. Ele é o “pão vivo” que desceu do céu. Ele tinha poder na terra para “perdoar pecados”. Ele é capaz de ajudar os que são “tentados”. Ele é o Anjo que “redime de todo o mal”. O Reino, o poder e a glória pertencem a Ele. Ele é o cumprimento e a confirmação de todas as promessas divinas e graciosas. Ele próprio é o “Amém, e Testemunha fiel”. Bem, Tertuliano chamou o Pai Nosso de “Oração do Senhor” e de “O Evangelho abreviado”. Quanto mais compreendermos o Evangelho da graça de Deus, “o Evangelho da glória de Cristo”, mais amaremos esta maravilhosa oração, e nos gloriaremos no Evangelho que é “o poder de Deus e a sabedoria de Deus” para aqueles que creem. Nos alegraremos com alegria indescritível enquanto oferecermos as petições divinamente prescritas e esperamos respostas graciosas.



*Pai Nosso, que Estás
nos Céus*

Esta cláusula de abertura é um prefácio adequado a tudo o que se segue. Ela nos apresenta o grande Objeto a quem oramos, nos ensina o ofício de aliança que Ele sustenta e denota a obrigação que nos é imposta, a saber, a de manter para com Ele um espírito filial, com tudo o

que se implica. Toda oração real deve começar com uma contemplação devota e expressar um reconhecimento do nome de Deus e de Suas benditas perfeições. Devemos nos aproximar do Trono de Graça com as devidas apreensões da majestade e do poder soberano de Deus, mas ainda assim, com uma santa confiança em Sua bondade paternal. Nestas palavras iniciais, somos claramente instruídos a começar nossas petições, expressando o sentido que temos das glórias essenciais e relativas d'Aquele a quem nos dirigimos. Os Salmos abundam em exemplos disso. Veja o Salmo 8:1 como um caso em questão: “Ó Senhor, Senhor nosso”.

Vamos primeiro nos esforçar para determinar o princípio geral incorporado nesta cláusula introdutória. Ele nos informa, da maneira mais simples possível, que o grande Deus está muito graciosamente pronto para nos conceder uma audiência. Ao nos orientar a nos dirigir a Ele como nosso Pai, Ele definitivamente nos assegura de Seu amor e poder. Este precioso título é projetado para elevar nossos afetos, para nos animar a reverenciá-lo e para confirmar nossa confiança na eficácia da oração. Três coisas são essenciais para uma oração aceitável e eficaz: a fertilidade, a reverência e a

confiança. Esta cláusula de abertura foi concebida para agitar cada um destes elementos essenciais em nós. A fertilidade é o efeito de nossos afetos serem chamados ao exercício; a reverência será promovida por uma apreensão do fato de que estamos nos dirigindo ao trono celestial; a confiança será aprofundada ao ver o objeto da oração como nosso Pai.

Ao chegar a Deus em atos de adoração “é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11:6). O que é mais eficaz para aprofundar nossa confiança e para atrair o amor mais forte e as esperanças mais sinceras de nossos corações para com Deus, do que a apresentação de Cristo a nós em seu aspecto mais amoroso e sua relação mais terna? Como estamos aqui encorajados a usar a ousadia sagrada e a derramar nossas almas diante d'Ele! Não poderíamos invocar adequadamente uma primeira causa impessoal; menos ainda poderíamos adorar ou suplicar uma grande abstração. Não; é para uma pessoa, uma Pessoa Divina, Àquele que tem no coração nossos melhores interesses, que somos convidados a nos aproximar, o nosso Pai. “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a

ponto de sermos chamados filhos de Deus” (1 Jo 3:1).

Deus é o Pai de todos os homens naturalmente, sendo seu Criador. “Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?” (Mt 2:10). “Mas agora, ó SENHOR, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos (Is 64:8). O fato de tais versos terem sido grosseiramente pervertidos por alguns que têm opiniões errôneas sobre “a paternidade universal de Deus e a fraternidade dos homens”, não deve nos levar a repudiá-los totalmente. É nosso privilégio assegurar aos mais ímpios e abandonados que, se eles apenas largarem as armas de sua guerra e fizerem como o príncipe fez, há um Pai amoroso pronto para recebê-los. Se Ele ouve os gritos dos corvos (Sl 147:9), será que Ele se fará de surdo para os pedidos de uma criatura racional? Simão, o mago, embora ainda “em fel de amargura, e em laço de iniquidade”, foi dirigido por um apóstolo para arrepender-se de sua maldade e orar a Deus (At 8:22, 23).

Mas a profundidade e a plena importância desta invocação só pode ser assumida pelo cristão verdadeiro, pois há uma relação mais elevada entre ele e Deus do

que aquele que é meramente carnal. Em primeiro lugar, Deus é seu Pai espiritual. Segundo, Deus é o Pai de Seus eleitos porque Ele é o Pai de seu Senhor Jesus Cristo (Ef 1:3). O Filho de Deus anunciou expressamente: “Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus” (Jo 20:17). Terceiro, Deus é o Pai de Seus eleitos por decreto eterno, pois Ele “nos destinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1:5). Quarto, Ele é o Pai de Seus eleitos pela regeneração, quando nascem de novo e se tornam “coparticipantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). Está escrito: “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!” (Gl 4:6).

As palavras “**Pai nosso**”, não somente significam o ofício que Deus nos sustenta em virtude da aliança eterna, mas também implicam claramente nossas obrigações. Elas nos ensinam tanto como devemos nos dispor para com Deus quando oramos a Ele, quanto a nossa conduta em virtude deste relacionamento. Como Seus filhos, devemos “honrá-lo” (ainda mais do que aos nossos pais humanos; ver Ex 20:12; Ef 6:1-3), sujeitar-se a Ele, deleitar-se n’Ele e esforçarmo-nos para em todas

as coisas agradá-lo. Novamente, a frase “Nosso Pai” não só nos ensina nosso interesse pessoal pelo próprio Deus, que por graça é nosso Pai, mas também nos instrui sobre nosso interesse por nossos irmãos cristãos, que em Cristo são nossos irmãos. Não é apenas para “meu Pai” a quem oro, mas para “nosso Pai”. Devemos expressar nosso amor a nossos irmãos orando por eles; devemos estar tão preocupados com suas necessidades quanto com as nossas próprias. Ó! Quantas coisas estão incluídas nestas duas palavras!

“Que estás no céu”. Que abençoado equilíbrio isso dá à frase anterior. Se a primeira frase nos fala da bondade e graça de Deus, a segunda fala de Sua grandeza e majestade. Se aquela nos ensina da proximidade e do carinho de Sua relação para conosco, esta anuncia Sua infinita elevação. Se as palavras “Pai nosso” inspiram confiança e amor, então as palavras “que estás nos céus” devem nos encher de humildade e admiração. Estas são as duas coisas que deveriam ocupar nossas mentes e envolver nossos corações: a primeira sem a segunda tende a uma familiaridade profana; a segunda sem a primeira produz frieza e pavor. Ao combiná-las, somos preservados de ambos os

males; e um equipamento adequado é forjado e mantido na alma enquanto contemplamos devidamente tanto a misericórdia, o poder de Deus, Seu amor insondável e Sua imensurável altivez. Observe como o mesmo equilíbrio abençoado foi preservado pelo apóstolo Paulo, quando ele empregou as seguintes palavras para descrever Deus, o Pai: “o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória” (Ef 1:17).

As palavras “que está no céu” não são usadas porque Ele está confinado lá. Lembramos as palavras do rei Salomão: “Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei?” (1 Rs 8:27). Deus é infinito e onipresente. Há um sentido em particular no qual o Pai está “no céu”, pois esse é o lugar em que Sua Majestade e glória são mais eminentemente manifestas. “Assim diz o SENHOR: O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés” (Is 66:1). A realização disto deve nos preencher com a mais profunda reverência e temor. As palavras “que está no céu” chamam a atenção para Sua providência, declarando o fato de que Ele está a dirigir todas as coisas do alto. Estas palavras proclamam Sua capacidade de empreender por nós, pois nosso Pai

O PAI NOSSO

é o Todo-Poderoso. “No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115:3). No entanto, embora Todo Poderoso, Ele é o “Pai nosso”. “Como um pai tem pena de seus filhos, assim o Senhor tem pena dos que o temem (Sl 103:13). “Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11:13). Finalmente, estas palavras abençoadas nos lembram que estamos a caminho, pois o céu é nossa casa.



Santificado Seja o Teu Nome

“Santificado seja o Teu nome” é a primeira das petições da oração de Cristo. São um total de sete petições. As três primeiras se relacionam com a causa de Deus; as quatro últimas se relacionam com nossas próprias preocupações diárias. Uma divisão semelhante

é discernível nos Dez Mandamentos: os cinco primeiros nos ensinam nosso dever para com Deus; os cinco últimos nos ensinam nosso dever para com os vizinhos. Nosso dever primordial na oração é desconsiderar a nós mesmos e dar a Deus a preeminência em nossos pensamentos, desejos e súplicas. Esta petição vem necessariamente em primeiro lugar, pois a glorificação do grande nome de Deus é o fim de todas as coisas. Todos os outros pedidos devem ser subordinados e em conformidade com este. Não podemos orar de maneira correta, a menos que a glória de Deus seja dominante em nossos desejos. Devemos ter um profundo senso da inefável santidade de Deus e um ardente desejo de honrá-lo. Portanto, não devemos pedir a Deus que conceda nada que contrarie Sua santidade.

“Santificado seja o Teu nome”. Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra “santificado”? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de “santificado seja o Teu nome”? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

Primeiro, a palavra Santificado é um termo usado para traduzir uma forma do verbo grego *hagiazó*. Este termo é frequentemente traduzido como “santificado”, que significa se separar para um uso sagrado. Assim, as palavras “santificado seja o Teu nome” significam o desejo piedoso de que o nome incomparável de Deus possa ser reverenciado, adorado e glorificado, e que Deus possa fazer com que seja respeitado e honrado, que sua fama se espalhe e que Ele seja engrandecido.

Segundo, o nome de Deus representa o próprio Deus, chamando à mente do crente tudo o que Ele é. Vemos isso no Salmo 5:11: “E em ti se gloriem os que amam o Teu nome, [isto é, Teu]”. No Salmo 20:1 lemos: “O SENHOR te responda no dia da tribulação; o nome do Deus de Jacó te eleve em segurança.” “Torre forte é o nome do SENHOR” (Pv 18:10), ou seja, o próprio Jeová é uma torre forte. O nome de Deus representa as perfeições divinas. É impressionante observar que quando Ele “proclamou o nome do Senhor” a Moisés, Deus enumerava Seus próprios atributos abençoados (ver Ex 34:5-7). Este é o verdadeiro significado da afirmação de que “confiam os que conhecem o teu nome, [ou seja, Tuas maravilhosas perfeições] porque

tu, SENHOR, não desamparas os que te buscam” (Sl 9:10). Mas, mais particularmente, o nome divino nos põe diante de tudo o que Deus nos revelou a respeito de Si mesmo. Foi em denominações e títulos como o Todo-Poderoso, o Senhor dos Exércitos, Jeová, o Deus da paz, e nosso Pai, que Ele se revelou a nós.

Terceiro, que pensamentos o Senhor Jesus pretendeu para nós quando nos ensinou a orar: “Santificado seja o Teu nome”? Em primeiro lugar, no sentido mais amplo, devemos alegar o fato de que Deus, “que pela sua soberana providência dirija e disponha tudo para a sua própria glória” (*O Catecismo Maior de Westminster*). Por isso oramos para que o próprio Deus santifique seu nome — que Ele o faça, por sua providência e graça, ser conhecido e adorado através da pregação de sua Lei e Evangelho. Além disso, oramos para que seu nome seja santificado e ampliado em e por nós. Não que possamos acrescentar algo à santidade essencial de Deus, mas podemos e devemos promover a glória manifesta de sua santidade. É por isso que somos assim exortados: “Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome” (Sl 96:8).

Não temos o poder em nós mesmos para santificar

o nome de nosso Deus, mas Cristo nos instrui, colocando um verbo imperativo e passivo em nossas bocas, para dizer ao nosso Pai: “Seja santificado o Teu nome”. É porque o nome de Deus deve ser santificado entre suas criaturas que nosso Mestre nos instrui a orar. “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5:14). Já que nosso Deus declarou tão claramente Sua mente, todo verdadeiro crente deve desejar a santificação do nome de Deus entre os homens e deve estar determinado a avançar a glória revelada de Deus sobre a terra. Devemos fazê-lo especialmente através da oração, pois o poder de realizar este grande fim reside apenas no próprio Deus. Pela oração, recebemos o poder do Espírito Santo para santificar e glorificar a Deus em nossos próprios pensamentos, palavras e obras.

Ao orar, “santificado seja o Teu nome”, imploramos que Deus, sendo santíssimo e glorioso, possa nos permitir reconhecê-lo e honrá-lo como tal. Como o *Manton* o expressou com força:

“Nesta petição, a glória de Deus é tão desejada quanto prometida por e para nós; pois cada oração é

tanto uma expressão de um desejo como também um voto implícito ou uma obrigação solene que assumimos para perseguir o que pedimos”.

A oração é uma pregação para nós mesmos na audiência de Deus: falamos com Deus para nos advertir — não para sua informação, mas para nossa edificação”.

Infelizmente, esta implicação necessária da oração não é mais insistida no púlpito hoje! Nós só zombamos de Deus quando lhe apresentamos palavras piedosas e não temos a intenção de lutar com nosso poder para viver em harmonia com elas. Por isso, para nós, santificar ou consagrar seu nome significa que damos a Deus o lugar supremo, que o colocamos acima de tudo em nossos pensamentos, afeições e vidas. Este alto propósito de vida é oposto ao exemplo dos construtores da torre de Babel, que disseram: “Tornemos célebre o nosso nome” (Gn 11:4), e de Nabucodonosor, que disse: “Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?” (Dn 4:30). O apóstolo Pedro nos ordena a “[santificar] a Cristo, como Senhor, em [nossos] corações” (1 Pe 3:15). Um temor de Sua Majestade e santidade deveria encher nossos corações

de tal forma que todo o nosso interior se curve em sujeição total e voluntária a Ele. Para isso, devemos orar, esforçando-nos para obter pontos de vista corretos e um conhecimento mais profundo sobre Ele, para podermos adorá-lo e servi-lo de forma aceitável.

Esta petição não só expressa o desejo de que Deus “seja santificado” em e através de nós, permitindo-nos glorificá-lo, mas também expressa nosso desejo de que outros o conheçam, o adorem e o glorifiquem.

“No uso desta petição, oramos para que a glória de Deus seja cada vez mais exibida e avançada no mundo, no curso de Sua providência, para que Sua Palavra possa correr e ser glorificada na conversão e santificação de pecadores, para haver um aumento de santidade em todo Seu povo, e para que toda profanação do nome de Deus entre os homens seja evitada e removida” (John Gill).

Assim, esta petição inclui o pedido de Deus para conceder todas as efusões necessárias do Espírito, para levantar pastores fiéis, para mover suas igrejas para manter uma disciplina bíblica e para agitar os santos

para um exercício de suas graças.

Em quarto lugar, o motivo pelo qual esta é a primeira petição no Pai Nosso, é porque ela fornece a única base legítima para todos os nossos outros pedidos. A glória de Deus deve ser nossa principal e grande preocupação. Quando oferecemos esta petição ao nosso Pai celestial, estamos a dizer: “O que quer que venha a mim, por mais baixo que eu possa afundar, por mais profundas que sejam as águas pelas quais eu possa ser chamado a passar, Senhor, engrandece-te em mim e através de mim”. Veja como este espírito foi exemplificado por nosso perfeito Salvador: “Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome” (Jo 12:27,28). Embora fosse necessário que Ele fosse batizado com o batismo do sofrimento, ainda assim a glória do Pai era a grande preocupação de Cristo.

As seguintes palavras resumem lindamente o significado desta petição:

“Ó Senhor, abre nossos olhos para que te conheçamos bem e possamos discernir teu poder, sabedoria, justiça e misericórdia; e dilata nossos corações para que te

santifiquemos em nossos afetos, fazendo-te nosso temor, amor, alegria e confiança; e abre nossos lábios para que Te abençoemos pela Tua infinita bondade. Sim, ó Senhor, abre nossos olhos para que possamos te ver em todas as tuas obras, e inclina nossas vontades com reverência pelo teu nome que aparece em tuas obras, e concede que, quando usufruirmos de qualquer uma delas, possamos honrar-te em nosso uso sóbrio e santificado” (W. Perkins).

Concluindo, mostraremos muito brevemente os usos a serem dados a esta petição.

(1) Nossos fracassos do passado devem ser arrependidos e confessados. Devemos nos humilhar por aqueles pecados pelos quais impedem a glória manifesta de Deus de ser exibida e por profanar seu nome, tais como orgulho de coração, frieza de zelo, teimosia de vontade e impiedade de vida.

(2) Devemos buscar sinceramente aquelas graças pelas quais possamos santificar seu nome: um conhecimento mais completo de si mesmo, um aumento do medo santo em nossos corações; um aumento de fé, esperança, amor e adoração; e o uso

O PAI NOSSO

correto de Seus dons.

(3) Nossos deveres devem ser fielmente cumpridos, para que não haja nada em nossa conduta que possa fazer com que seu nome seja blasfemado por incrédulos (Rm 2:24). “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10:31).



Venha o Teu Reino

A segunda petição é a mais breve, entretanto é a mais abrangente contida na oração do Nosso Senhor. É estranho e triste que em alguns círculos, seja a menos compreendida e a mais controversa. As perguntas a seguir requerem consideração cuidadosa. Primeiro, qual é a relação entre esta petição e a que a precede? Segundo, de quem é o Reino aqui em vista? Terceiro, o

que significa exatamente as palavras: “Teu Reino”? Quarto, em que sentido devemos entender as palavras: “Venha o Teu Reino”?

A primeira petição, “Santificado seja o Teu nome”, diz respeito à própria glória de Deus, enquanto a segunda e a terceira têm respeito aos meios pelos quais Sua glória deve ser manifesta e promovida na terra. O nome de Deus é aqui manifestamente glorificado apenas na proporção em que seu reino vem até nós e sua vontade é feita em e por nós. A relação entre esta petição e a primeira, então, é bastante aparente. Cristo nos ensina a orar primeiramente pela santificação do grande nome de Deus; depois Ele nos orienta a orar de acordo com os meios propostos. Entre os meios para promover a glória de Deus, nenhum é tão influente quanto a vinda de seu reino. Por isso somos exortados: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mt 6:33). Mas embora os homens devam glorificar o nome de Deus sobre a terra, ainda assim não podem fazê-lo por si mesmos. O reino de Deus deve primeiro ser estabelecido em seus corações. Deus não pode ser honrado por nós até que nos submetamos voluntariamente a seu governo sobre nós.

“Venha o teu reino”. De quem é o reino que está sendo referido aqui? Obviamente, é o de Deus Pai. Cristo quis, com as palavras “Teu reino”, distinguir claramente o reino de Deus do reino de Satanás (Mt 12:25-28), que é um reino de escuridão e desordem. O reino de Satanás não é apenas o oposto em caráter, mas também está em oposição beligerante ao Reino de Deus.

O Reino do Pai é, em primeiro lugar e de modo mais geral, sua regra universal, seu domínio absoluto sobre todas as criaturas e coisas. “Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos” (1 Cr 29:11). Segundo, e mais especificamente, é a esfera externa de sua graça na terra, onde Ele é ostensivamente reconhecido (ver Mt 13:11 e Mc 4:11 em seus contextos). Terceiro, e mais definitivamente ainda, é o reino espiritual e interno de Deus, que é ampliado pela regeneração. “Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3:5).

Agora como o Pai e o Filho são um só em natureza, o reino deles também é o mesmo; e assim ele aparece em cada um de seus aspectos. Quanto ao aspecto da

providência, lemos: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5:17). Cristo ocupa agora o cargo de mediador de Rei em virtude da nomeação de seu Pai (Lc 22:29). Quando o reino é visto muito especificamente como um reino de graça estabelecido no coração do povo de Deus, ele é corretamente chamado tanto de “o reino de Deus” (1 Co 4:20) e “o reino do Filho” (Cl 1:13). Vendo o reino em relação a sua última glória eterna, Cristo diz que Ele beberá o fruto da videira conosco no “reino de [Seu] Pai” (Mt 26:29), mas também é chamado de “o Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 1:11). Portanto, deve-nos parecer perfeitamente natural quando lemos estas palavras: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo; e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15).

Pode-se perguntar que aspecto do reino está aqui sendo orado para o futuro? Certamente não é seu aspecto providencial, já que isso existe e continua desde o início. O reino deve, portanto, ser futuro no sentido de que o reino de Deus deve ser consumado na glória eterna nos novos céus e na nova terra (2 Pe 3:13). Deve haver uma rendição voluntária de todo o homem,

espírito e corpo, à vontade revelada de Deus, para que seu governo sobre nós seja completo. Mas se quisermos experimentar e desfrutar da glória eterna do reino de Deus, devemos nos submeter pessoalmente ao seu gracioso reinado nesta vida. A natureza deste reinado é resumida em três características: “o Reino de Deus é... justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17). O homem que experimenta este presente reinado de graça é caracterizado pela retidão, pois a retidão de Cristo lhe é imputada como alguém que, pela fé, se tornou seu súdito voluntário; além disso, ele também possui a retidão de uma boa consciência porque o Espírito Santo o santificou, ou seja, o colocou à parte para uma nova vida de santidade para a glória de Deus. Tal pessoa também é caracterizada pela paz — paz de consciência para com Deus, relações pacíficas com o povo de Deus e a busca da paz com todos os seus semelhantes (Hb 12:14). Esta paz pessoal e piedosa é mantida pela atenção a todos os deveres do amor (Lc 10:27). Como resultado da justiça e da paz, tal pessoa é também caracterizada pela alegria no Espírito Santo, um deleite em Deus em todos os estados e momentos da vida (Fp 4:10-14; 1 Tm 6:6-10).

Há uma tripla aplicação quando oramos: “Venha o Teu Reino”. Primeiro, ela se aplica à esfera externa da graça de Deus aqui na terra: “Que o teu evangelho seja pregado e o poder do teu Espírito o assista; que a tua igreja seja fortalecida; que a tua causa na terra seja avançada e que as obras de Satanás sejam destruídas!” Em segundo lugar, aplica-se ao reino interno de Deus, ou seja, seu reino espiritual de graça nos corações dos homens: “Que o teu trono seja estabelecido em nossos corações; que as tuas leis sejam administradas em nossas vidas e que o teu nome seja engrandecido por nossa caminhada”. Em terceiro lugar, aplica-se ao reino de Deus em sua glória futura: “Que o grande dia seja apressado, quando Satanás e seus exércitos forem completamente vencidos, quando o teu povo tiver cessado de pecar para sempre, e quando Cristo ‘verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito” (Is 53:11).

O Reino de Deus chega progressivamente aos indivíduos nos seguintes graus ou estágios:

(1) Deus dá aos homens os meios externos de salvação (Rm 10:13-17);

(2) A Palavra pregada entra na mente, para que os

mistérios do Evangelho sejam compreendidos (Mt 13:23; Hb 6:4-6; 10:32);

(3) O Espírito Santo regenera os homens, para entrarem no Reino de Deus como súditos (Jo 1:12,13; 3:3,5);

(4) Na morte, os espíritos dos remidos são libertos do pecado (Rm 7:24,25; Hb 12:23); e

(5) Na ressurreição, os remidos serão plenamente glorificados (Rm 8:23).

“Ó Senhor, que venha a nós o Vosso Reino, pois somos estrangeiros e peregrinos aqui na terra: preparai-nos para ele e conduze-nos a ele, quem ainda está fora dele; renovai-nos pelo vosso Espírito para podermos estar sujeitos à vossa vontade; fortalecei aqueles que estão no caminho, para que nossas almas, depois desta vida, tanto a alma como o corpo no Dia do Juízo, possam ser plenamente glorificados: sim, Senhor, apressai esta glorificação para nós e para todos os vossos eleitos” (W. Perkins).

Dizemos novamente que, embora esta seja a mais breve das petições, é também a mais abrangente. Ao

orar, “Venha a nós o Teu Reino”, pedimos o poder e a bênção do Espírito Santo para assistir à pregação da Palavra, para que a Igreja seja suprida com os oficiais que Deus deu e equipou, para que as ordenanças sejam puramente administradas, para um aumento dos dons espirituais e das graças nos membros, e para a derrubada dos inimigos de Cristo. Assim, oramos para que as graças sejam ainda mais prolongadas até que todos os eleitos de Deus sejam salvos. Também, por implicação necessária, oramos para que Deus nos desmame cada vez mais das coisas passageiras deste mundo.

Em suma, mostrarei alguns dos usos à que esta petição deve ser submetida. Primeiro, devemos confessar nossas próprias falhas referentes ao progresso do reino de Deus. É nosso dever confessar diante de Deus nossa miserável e natural depravação e a terrível propensão de nossa carne para servir ao pecado e aos interesses de Satanás (Rm 7:14-24). Devemos lamentar o triste estado do mundo e suas lamentáveis transgressões da Lei de Deus, pelas quais, Deus é desonrado e o reino de Satanás promovido (Sl 119:136; Mc 3:5). Em segundo lugar, devemos buscar sinceramente aquelas graças que

farão de nossas vidas uma influência santificadora no mundo, a fim de que o Reino de Deus possa ser construído e mantido. Devemos nos esforçar para nos submeter aos mandamentos de Cristo de tal forma que sejamos inteiramente governados por Ele, sempre prontos para fazer sua vontade (Rm 6:13). Em terceiro lugar, tendo orado pela capacitação de Deus, devemos cumprir todos os deveres que nos foram designados por Deus, produzindo os frutos que pertencem ao reino de Deus (Mt 21:43; Rm 14:17). Isto devemos fazer com toda a diligência (Ec 9:10; Cl 3:17), usando todos os meios divinamente designados para a promoção do reino de Deus.

Esta segunda petição está bem resumida no Breve Catecismo de Westminster:

“Na segunda petição pedimos que o reino de Satanás seja destruído e que o Reino da graça, seja adiantado; que sejamos guiados a ele e nele sejamos guardados, e que cedo venha o Reino da glória”.



*Faça-se Sua Vontade,
Assim na Terra como
no Céu*

A conexão entre esta terceira petição e as anteriores não é difícil de ser rastreada. A primeira preocupação de nossos corações, assim como nossas orações, deve ser para a glória de Deus. Os anseios pelo reino de Deus

naturalmente surgem, assim como os esforços honestos para servi-lo enquanto permanecemos nesta terra. A glória de Deus é o grande objeto de nossos desejos. A vinda e a ampliação de seu reino são o principal meio pelo qual a glória de Deus é manifestamente assegurada. Nossa obediência pessoal manifesta o fato de que seu reino chegou até nós. Quando o reino de Deus realmente chega à alma de alguém, ele deve, por necessidade, ser levado à obediência a suas leis e ordenanças. É pior que inútil chamar Deus de nosso Rei se seus mandamentos forem desrespeitados por nós. Em termos gerais, há duas partes nesta petição:

1. um pedido de espírito de obediência; e
2. uma declaração sobre a maneira como a obediência deve ser prestada.

“Seja feita a tua vontade”. Esta cláusula pode apresentar uma dificuldade para alguns de nossos leitores, que podem perguntar: “Não é sempre feita a vontade de Deus?” Em um aspecto é, mas em outro não. As Escrituras apresentam a vontade de Deus a partir de dois pontos de vista distintos: sua vontade secreta e sua vontade revelada, ou sua vontade decretiva e sua vontade preceptiva. Sua vontade secreta ou decretiva é

a regra de suas próprias ações: na criação (Ap 4:11), na providência (Dn 4:35), e em sua graça (Rm 9:15). O que Deus decretou é sempre desconhecido de todos os homens até ser revelado pelas profecias ou pelos acontecimentos à medida que acontecem. Por outro lado, a vontade revelada ou preceptiva de Deus é a regra para nossas ações, tendo Deus dado a conhecer nas Escrituras o que é agradável à sua vista.

A vontade secreta ou decretiva de Deus é sempre feita, tanto na terra como no céu, pois ninguém pode frustrá-la ou mesmo impedi-la. É igualmente evidente que a vontade revelada de Deus é violada toda vez que um de seus preceitos é desobedecido. Esta distinção foi claramente estabelecida quando Moisés disse a Israel: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29:29). Esta distinção também se encontra no uso da palavra conselho. “Meu conselho [o eterno decreto de Deus] permanecerá de pé, e farei toda a minha vontade” (Is 46:10), diz Jeová. Mas em Lucas 7:30 lemos que “os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram o desígnio [ou vontade revelada] de Deus”

quanto a si mesmos, não sendo batizados por João. Por um lado, lemos: “Pois quem jamais resistiu à sua vontade?” (Rm 9:19). Por outro lado, nos é dito: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1 Ts 4:3). A vontade revelada ou preceptiva de Deus está declarada na Palavra de Deus, definindo nosso dever e tornando conhecido o caminho em que devemos caminhar. Deus tem fornecido sua Palavra como o meio designado para a renovação de nossas mentes. Um entendimento dos preceitos de Deus no coração (Sl 119:11) é essencial para a transformação do caráter e da conduta de cada um; esta disciplina vital é um pré-requisito absoluto para provar, em nossa própria experiência cristã, “qual é aquela boa, aceitável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2).

A vontade de Deus, portanto, é uma frase que, tomada por si mesma, pode expressar o que Deus propôs fazer ou o que Ele ordenou que fizéssemos. Com relação à vontade de Deus no primeiro sentido, ela sempre é, sempre foi e sempre será feita na terra como no céu, pois nem a política humana, nem o poder infernal, podem impedi-la. Entretanto, o texto contém uma oração para que possamos ser colocados em total

concordância com a vontade revelada por Deus. Fazemos a vontade de Deus quando, por respeito a Sua autoridade, controlamos nossos próprios pensamentos e condutas através de seus mandamentos. Tal é nosso dever, e deve ser sempre nosso desejo fervoroso e nosso esforço diligente para fazê-lo. Escarneceremos de Deus se apresentarmos este pedido e depois não fizermos de sua vontade revelada, nosso principal objetivo (Mt 25:31-46; Lc 6:46-49).

“Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. Aquele que sinceramente ora para isto necessariamente se entrega sem reservas a Deus; ele proclama sua renúncia à vontade de Satanás (2 Tm 2:26), de suas próprias inclinações corruptas (1 Pe 4:2), e de sua rejeição de todas as coisas contrárias a Deus. Entretanto, tal alma está dolorosamente consciente de que ainda há muito nela que está em conflito com Deus. Ela reconhece, portanto, humilde e contritamente, que não pode fazer a vontade de seu Pai sem a ajuda divina, e que deseja e procura sinceramente a graça capacitadora. Possivelmente o significado e o escopo desta petição será melhor entendido se a expressarmos assim: “Ó Pai, que a tua vontade me seja revelada, que

seja feita em mim e que seja realizada por mim”. De uma perspectiva positiva, quando oramos, “Seja feita a tua vontade”, imploramos a Deus por sabedoria espiritual para aprender a vontade de Deus: “Faze-me atinar com o caminho dos teus preceitos... Ensina-me, Senhor, o caminho dos teus decretos, e os seguirei até ao fim”. (Sl 119:27,33). Além disso, imploramos a Deus pela inclinação espiritual em direção a sua vontade: “Percorrerei o caminho dos teus mandamentos, quando me alegrares o coração. Inclina-me o coração aos teus testemunhos” (Sl 119:32,36).

Além disso, imploramos a Deus por força espiritual para cumprir sua vontade: Tu “vivifica-me segundo a tua palavra... fortalece-me segundo a Tua Palavra” (Sl 119:25,28; Fp 2:12,13; Hb 13:20,21). Nosso Senhor nos ensina a orar: “Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”, porque este é o lugar do nosso discipulado. Este é o reino em que devemos praticar a auto-negação. Se não fizermos aqui a sua vontade, nunca iremos para o céu.

“Como no céu”. O padrão pelo qual devemos medir nossas tentativas de fazer a vontade de Deus na terra é nada menos que a conduta dos santos e anjos no céu.

Como é feita a vontade de Deus no céu? Certamente não é feita com relutância ou resistência, nem é feita com hipocrisia ou farisaísmo. Podemos ter certeza de que ela não é executada nem tardiamente, nem parcialmente ou fragmentada. Nas cortes celestiais, a vontade de Deus é executada com alegria. Tanto os quatro seres vivos quanto os vinte e quatro anciãos em Apocalipse 5:8-14 são retratados como prestando culto e serviço juntos. Contudo, a adoração e a obediência celestiais são prestadas com humildade e reverência, pois o Serafim encobre seus rostos diante do Senhor (Is 6:2). Ali as ordens de Deus são executadas com animação intensa. Lá Deus é louvado constante e incansavelmente. Portanto, os santos estão “diante do trono de Deus, e o servem dia e noite no seu santuário” (Ap 7:15). Os anjos obedecem a Deus prontamente, totalmente, perfeitamente e com inefável deleite. Mas somos pecadores e cheios de enfermidades. Com que propriedade, então, a obediência dos seres celestiais pode ser proposta como um exemplo presente para nós? Levantamos esta questão não como uma concessão às nossas imperfeições, mas, porque as almas honestas são exercidas por ela.

Primeiro, este padrão é colocado diante de nós para adoçar nossa sujeição à vontade Divina, pois nós, na terra, não temos uma tarefa mais exigente do que aqueles que estão no céu. O céu é o que é porque a vontade de Deus é feita por todos os que lá habitam. A medida em que uma antecipação de sua felicidade pode ser obtida por nós na terra, será determinada em grande parte pelo grau em que realizamos aqui e agora os trabalhos divinos.

Em segundo lugar, este padrão é dado para nos mostrar a abençoada razoabilidade de nossa obediência a Deus. “Bendizeis ao SENHOR, todos os seus anjos, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedeceis à palavra” (Sl 103:20). Então Deus pode exigir menos de nós? Se queremos ter comunhão com os anjos em glória, então devemos ser conformados com eles em graça.

Em terceiro lugar, ela é dada como o padrão ao qual devemos sempre apontar. Paulo diz: “Por esta razão... não cessamos de orar por vós... a fim de viverdes de modo digno do Senhor..., para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus.” (Cl 1:9,10; 4:12). Em quarto lugar, esta norma é

dada para nos ensinar não apenas o que fazer, mas como fazer. Devemos imitar os anjos na forma de sua obediência, embora não possamos igualá-los em medida ou grau.

“Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. Pese isto com atenção à luz do que precede. Primeiro, somos ensinados a orar, “Pai Nosso que estás nos céus”; depois, não deveríamos nós fazer sua vontade? Devemos, se somos seus filhos, pois a desobediência é o que caracteriza seus inimigos. Seu próprio querido Filho não o prestou perfeita obediência? E devemos nos deleitar em nos esforçarmos para rende-lo a qualidade da devoção a que Ele está acostumado no lugar de sua peculiar morada, a sede de nossa felicidade futura. Segundo, já que somos ensinados a orar: “Santificado seja o teu nome”, a verdadeira preocupação com a glória de Deus não nos obriga a fazer uma conformidade à sua vontade, nossa suprema busca? Certamente devemos, se quisermos honrar a Deus, pois nada o desonra mais do que a vontade própria e a rebeldia. Terceiro, já que somos instruídos a orar: “Venha o Teu Reino”, não deveríamos procurar estar totalmente sujeitos à suas leis e

LEGADO REFORMADO

ordenanças? Devemos, ser sujeitos a isso, pois só os rebeldes alienados desprezam seu cetro.



O Pão Nosso de Cada Dia dá-nos Hoje

Voltamos nossa atenção para as petições que mais, imediatamente, nos preocupam. O fato de nosso Senhor ter colocado três petições que se relacionam diretamente aos legítimos interesses de Deus em primeiro lugar, deve nos indicar suficientemente que devemos trabalhar em oração para promover a glória

manifesta de Deus, para fazer avançar seu reino e para fazer sua vontade antes que nos seja permitido suplicar por nossas próprias necessidades. São quatro petições que nos preocupam mais imediatamente, e nelas podemos discernir claramente uma referência implícita a cada uma das Pessoas da Santíssima Trindade. Nossas necessidades temporais são supridas pela gentileza do Pai. Nossos pecados são perdoados através da mediação do Filho. Somos preservados da tentação e libertados do mal pelas graciosas operações do Espírito Santo. Observemos cuidadosamente a proporção demonstrada nestas quatro petições: uma delas diz respeito às nossas necessidades corporais; as outras três são relacionadas com a alma. Isto nos ensina que na oração, como em todas as outras atividades da vida, as preocupações temporais devem ser subordinadas às preocupações espirituais.

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Talvez seja útil se começarmos levantando uma série de questões. Primeiro, por que este pedido de suprimento de necessidades corporais vem antes das petições que dizem respeito às necessidades da alma? Em segundo lugar, o que significa e o que está incluído no termo pão?

Em terceiro lugar, em que sentido podemos suplicar a Deus por nosso pão de cada dia, quando já temos um suprimento à nossa disposição? Quarto, como o pão pode ser um presente divino se conquistamos o mesmo por meio do nosso próprio trabalho? Quinto, o que nosso Senhor está querendo comunicar ao restringir o pedido ao pão nosso de cada dia? Antes de tentar responder a estas perguntas, digamos que, com quase todos os melhores comentaristas, consideramos este pão como sendo um pão material e não espiritual.

Matthew Henry apontou que a razão pela qual este pedido de suprimento de nossas necessidades físicas encabeça as últimas quatro petições, é que “neste mundo, o nosso [bem-estar] natural é necessário [para] nosso bem-estar espiritual”. Em outras palavras, Deus nos concede as coisas físicas desta vida como ajuda para o cumprimento de nossos deveres espirituais. E como são dadas por Ele, elas devem ser empregadas para a glória de seu nome. Que graciosa consideração Deus demonstra para com nossa fraqueza: somos inaptos para realizar nossos deveres sublimes se privados das coisas necessárias para o sustento de nossa existência corporal. Podemos também inferir, com razão, que está

petição vem em primeiro lugar para promover o crescimento constante e o fortalecimento de nossa fé. Percebendo a bondade e fidelidade de Deus em suprir nossas necessidades físicas diárias, somos encorajados e estimulados a pedir bênçãos maiores (At 17:25-28).

Nosso pão diário refere-se principalmente ao suprimento de nossas necessidades temporais. Com os hebreus, pão era um termo genérico, significando as necessidades desta vida (Gn 3:19; 28:20), tais como alimentação, vestuário e moradia. Inerente ao uso do termo específico pão, em vez do termo mais geral, alimento, é uma ênfase que nos ensina a pedir não por delicadezas ou por riquezas, mas por aquilo que é saudável e necessário. O pão aqui inclui saúde e apetite.

Ao implorar a Deus que nos dê nosso pão de cada dia, pedimos que Ele nos forneça graciosamente uma porção de coisas externas como Ele vê que serão mais adequadas ao nosso chamado e à nossa necessidade. “Afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o SENHOR? Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus”

(Pv 30:8, 9). Se Deus nos concede as superficialidades da vida, devemos ser gratos e devemos nos esforçar para usá-las para sua glória; mas nunca devemos pedir por elas. “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Tm 6:8). Devemos orar pelo nosso pão diário. Não devem ser obtidos por roubo, nem pela força ou por fraude, mas por meio de nosso trabalho pessoal e dedicação. “Não ames o sono, para que não empobreças; abre os olhos e te fartarás do teu próprio pão” (Pv 20:13). “Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça” (Pv 31:27).

Como posso pedir sinceramente a Deus o pão do dia, quando já tenho um bom suprimento à minha disposição? Primeiro, posso pedir isto porque minha porção temporal atual pode ser rapidamente retirada de mim, e isto sem qualquer aviso. Há uma ilustração marcante e solene disso encontrada em Gênesis 19:15-25. O fogo pode incendiar a casa e tudo o que há nela. Assim, ao pedir a Deus o suprimento diário de nossas necessidades temporais, reconhecemos nossa total dependência de sua generosidade. Em segundo lugar, devemos pleitear esta petição todos os dias, porque o que temos não nos trará nenhum benefício, a menos

que Deus continue a abençoar-nos. Terceiro, o amor exige que eu ore desta maneira, porque esta petição compreende muito mais do que minhas próprias necessidades pessoais. Ensinando-nos a orar “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, o Senhor Jesus também está querendo comunicar o fato de que devemos amar e ter compaixão para com os outros. Deus exige que amemos nosso próximo como a nós mesmos, e que sejamos tão solícitos com as necessidades de nossos companheiros cristãos quanto com as nossas próprias necessidades (Gl 6:10).

Como se pode dizer que Deus nos dá nosso pão de cada dia, se nós mesmos o conquistamos? Primeiro, Deus deve nos dar isso porque nosso direito ao alimento foi confiscado quando caímos em Adão. Em segundo lugar, Deus deve concedê-lo porque tudo pertence a Ele. “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1). “Minha é a prata, meu é o ouro, diz o SENHOR dos Exércitos.” (Ag 2:8). “Portanto, tornar-me-ei, e reterei, a seu tempo, o meu trigo e o meu vinho, e arrebatarei a minha lã e o meu linho” (Os 2:9). Por isso, temos como remuneração de nosso Senhor a parte que Ele concede.

Somos apenas mordomos. Deus nos concede tanto a posse quanto o uso de sua criação, mas retém a si mesmo o título. Em terceiro lugar, devemos orar desta maneira porque tudo o que temos, vem de Deus. “Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens” (Sl 104:27,28; At 14:17). Embora pelo trabalho e pela compra as coisas possam ser ditas como sendo nossas (relativamente falando), ainda assim é Deus quem nos dá força para o trabalho.

O que Cristo está querendo comunicar ao restringir o pedido ao “pão nosso de cada dia dá-nos hoje”? Em primeiro lugar, somos lembrados de nossa fragilidade. Somos incapazes de continuar em saúde por vinte e quatro horas, e somos inaptos para as tarefas de um único dia, a menos que constantemente alimentados do alto. Em segundo lugar, nos lembramos da brevidade de nossa existência mundana. Nenhum de nós sabe o que um dia pode trazer, por isso estamos proibidos de nos vangloriarmos do amanhã (Pv 27:1). Terceiro, somos ensinados a suprimir toda preocupação ansiosa com o futuro e viver um dia de cada vez. “Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os

seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6:34). Em quarto lugar, Cristo inculca a lição da moderação. Devemos sufocar o espírito de cobiça, formando o hábito de estarmos contentes com uma porção pequena, mas suficiente. Finalmente, observe que as palavras de nosso Senhor, “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje,” são apropriadas para uso em todas as manhãs.

Em resumo, então, esta petição nos ensina as seguintes lições indispensáveis:

(1) que é permitido e lícito suplicar a Deus por misericórdia temporal;

(2) que somos completamente dependentes da recompensa de Deus por tudo;

(3) que nossa confiança deve estar somente n’Ele, e não em causas secundárias;

(4) que devemos ser gratos e agradecer pelas bênçãos materiais, bem como pelas espirituais;

(5) que devemos praticar o contentamento e desencorajar a cobiça;

(6) que devemos ter adoração familiar todas as manhãs e noites; e

(7) que devemos ser tão solícitos em nome dos outros quanto em relação a nós mesmos.



*E Perdoa-nos as
Nossas Dívidas,
Assim Como nós
Temos Perdoado aos
Nossos Devedores*

No início da nossa consideração desta quinta petição, é vital que prestemos atenção ao fato de que ela

começa de uma forma diferente das quatro primeiras. Pela primeira vez na oração de Nosso Senhor encontramos a palavra e. A quarta petição, “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, é seguida das palavras “e perdoa-nos as nossas dívidas”, indicando que existe uma conexão muito estreita entre as duas petições. É verdade que as três primeiras petições estão intimamente relacionadas. Mas a quarta e quinta petições devem estar especialmente ligadas em nossas mentes por várias razões práticas. Primeiro, somos ensinados que sem perdão, todas as coisas boas desta vida não nos beneficiarão em nada. Um homem em uma cela no corredor da morte é alimentado e vestido, mas o que é a dieta mais delicada e o vestuário mais caro para ele, enquanto ele permanecer sob pena de morte iminente? Por isso, *Matthew Henry* nos diz: “Nosso pão cotidiano nos engorda como cordeiros para o nosso abate se os nossos pecados não forem perdoados”. Segundo, nosso Senhor nos informará que nossos pecados são tantos e tão graves que não merecemos uma só boca cheia de comida. Cada dia o cristão é culpado de ofensas que o fariam perder até mesmo as bênçãos comuns da vida, de modo que ele deveria sempre dizer como Jacó: “Sou

indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que tens usado para com teu servo” (Gn 32:10). Terceiro, Cristo nos lembra que nossos pecados são o grande obstáculo para os favores que podemos receber de Deus (Is 59:2; Jr 5:25). Nossos pecados constroem o canal da bênção, portanto, quando oramos “dê-nos”, devemos acrescentar, “e perdoa-nos”. Em quarto lugar, Cristo nos encoraja a continuarmos na fé. Se confiamos na providência de Deus para prover o suficiente para nós, não deveríamos confiar n’Ele para a salvação de nossas almas, para nos proteger do poder e domínio do pecado e do terrível salário do pecado?

“E perdoa-nos as nossas dívidas”. Nossos pecados são vistos aqui, como em Lucas 11:4, sob a noção de dívidas, ou seja, obrigações não apuradas ou faltas de pagamento a Deus. Devemos a Deus uma adoração sincera e perfeita, juntamente com uma obediência sincera e contínua. O Apóstolo Paulo diz: “Pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constroem a viver segundo a carne” (Rm 8:12), afirmando assim o lado negativo. Mas positivamente, somos devedores a Deus, devemos viver para Ele. Pela lei da criação, fomos feitos não para gratificar a carne, mas para glorificar a

Deus. “Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lc 17:10). O não cumprimento de nossa dívida de culto e obediência implicou em culpa, nos levando à justiça divina. Agora, quando oramos: “e perdoa-nos as nossas dívidas”, não pedimos para sermos dispensados dos deveres que devemos a Deus, mas para sermos absolvidos de nossa culpa, ou seja, para que a punição que nos é devida seja perdoada.

“Certo credor tinha dois devedores” (Lc 7:41). Aqui, em nosso texto, Deus é apresentado sob a figura de um credor, em parte pelo fato de ser nosso Criador, e em parte como nosso Legislador e Juiz. Deus não só nos dotou de talentos, obrigando-nos a servir e glorificar nosso Benfeitor, mas também nos colocou sob sua lei, de modo que estamos condenados por nossas inadimplências. E haverá um grande dia de acerto de contas (Lc 19:15), e aqueles que não se arrependeram de suas dívidas e se refugiaram em Cristo serão eternamente punidos por suas inadimplências. Infelizmente, poucos são os que vivem de maneira consciente da chegada dessa assembleia solene.

Esta metáfora de credor e devedor não só se aplica à nossa ruína, mas, graças a Deus, se aplica igualmente ao remédio para nossa recuperação. Como devedores, estamos completamente desfeitos e devemos estar para sempre sob o justo julgamento de Deus, a menos que seja feita uma compensação total a Ele. Mas somos impotentes para pagar-lhe essa compensação, pois, moral e espiritualmente falando, estamos continuamente falidos. O pagamento, portanto, deve vir de fora de nós mesmos. Aqui é onde o Evangelho fala de alívio para a alma queimada pelo pecado: pois o Senhor Jesus, tomou sobre si o ofício de pagador, e deu plena satisfação à justiça divina em nome de seu povo, fazendo completa compensação a Deus por eles. Assim, neste contexto, Cristo é chamado de “fiador de superior aliança” (Hb 7:22), como Ele afirmou profeticamente através de Seu pai Davi: “Tenho de restituir o que não furtei” (Sl 69:4). Deus declara a respeito de Seus eleitos: “Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate” (Jó 33:24).

Estranho dizer que alguns experimentam uma dificuldade com a frase “E perdoai-nos nossas dívidas”. Vendo que Deus já perdoou ao cristão “todos os nossos

delitos” (Cl 2:13), não seria inútil, que o cristão continue a implorar a Deus por perdão? Esta dificuldade é auto-criada, através de uma falha na distinção entre a compra de nosso perdão por Cristo e sua aplicação real a nós. É verdade que a expiação total de todos os nossos pecados foi feita por Ele, e na cruz nossa culpa foi cancelada. É verdade que todos os nossos pecados antigos são purgados na nossa conversão (2 Pe 1:9). Entretanto, há um sentido muito real no qual nossos pecados presentes e futuros não são remidos até que nos arrependamos e os confessemos a Deus. Portanto, é necessário e apropriado que busquemos o perdão contínuo (1 Jo 1:6-10). Mesmo depois de Natã ter dado garantias a Davi, dizendo: “Também o SENHOR te perdoou o teu pecado” (2 Sm 12:13), Davi implorou o perdão de Deus (Sl 51:1).

O que pedimos nesta petição? Em primeiro lugar, pedimos que Deus não nos impute os pecados que cometemos diariamente (Sl 143:2). Em segundo lugar, suplicamos que Deus aceite o pagamento de Cristo por nossos pecados e nos veja como justos n’Ele. Alguns podem dizer: “Mas se somos verdadeiros cristãos, Ele já o fez”. É verdade, mas Ele exige que prossigamos em

nosso perdão, assim como Ele disse a Cristo: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão” (Sl 2:8). Deus está pronto para perdoar, mas Ele exige que nós o invoquemos. Por quê? Para que sua misericórdia salvadora possa ser reconhecida e que nossa fé possa ser exercida! Em terceiro lugar, suplicamos a Deus que continue o perdão. Embora sejamos justificados, ainda assim devemos continuar a pedir; como com nosso pão de cada dia, embora tenhamos um bom salário mensalmente em nossas mãos, ainda assim imploramos para que Ele continue a prover. Em quarto lugar, pedimos para que os pecados possam ser apagados de nossa consciência e do livro de recordação de Deus. Os efeitos do perdão são a paz interior e o acesso a Deus (Rm 5:1,2).

O perdão não deve ser exigido como algo devido a nós, mas solicitado como uma misericórdia. “Até o fim da vida, o melhor cristão deve vir pelo perdão, assim como ele fez no início, não como um demandante de um direito, mas como um suplicante de um favor” (*John Brown*). É certo que o crente “não [entrará] em juízo” (Jo 5:24); contudo, em vez desta verdade o levar à conclusão

de que ele não precisa orar pela remissão de seus pecados, ela o fornece o mais forte encorajamento possível para apresentar tal petição. Da mesma forma, a garantia divina de que um cristão genuíno perseverará até o fim, em vez de lançar uma base para o descuido, é um motivo muito poderoso para a vigilância e a fidelidade. Esta petição implica um sentimento de pecado sentido, um reconhecimento penitente do pecado, uma busca da misericórdia de Deus por Cristo, e uma compreensão de que Ele pode nos perdoar com justiça. Sua apresentação deve ser sempre precedida de auto-exame e humilhação.

Nosso Senhor nos ensina a confirmar esta petição com um argumento: como temos perdoado aos nossos devedores. Primeiro, Cristo nos ensina a argumentar a partir de uma disposição semelhante em nós mesmos: qualquer bem que haja em nós deve primeiro estar em Deus, pois Ele é a soma de toda excelência; se, então, uma disposição bondosa foi plantada em nossos corações por meio de Seu Espírito Santo, o mesmo deve ser encontrado n'Ele. Segundo, devemos raciocinar com Deus do menor ao maior: se nós, que temos apenas uma gota de misericórdia, podemos perdoar as ofensas

feitas a nós, certamente Deus, sendo um verdadeiro oceano de misericórdia, nos perdoará. Em terceiro lugar, devemos argumentar a partir da condição daqueles que podem esperar perdão: somos pecadores que, por um senso de misericórdia de Deus para conosco, estão dispostos a demonstrar misericórdia para com os outros; portanto, somos moralmente qualificados para mais misericórdia, visto que não temos abusado da misericórdia que já recebemos. Aqueles que oram a Deus por perdão, devem perdoar aqueles que os enganam. José (Gn 50:14-21) e Estêvão (At 7:60) são exemplos disso. Precisamos orar muito para que Deus tire toda amargura e maldade de nossos corações contra aqueles que nos enganam. Mas perdoar nossos devedores não exclui o fato de que devemos repreendê-los e, quando o interesse público está envolvido, que eles sejam processados. Seria meu dever entregar um ladrão a um policial, ou ir à justiça contra alguém que fosse capaz, mas que se recusasse a me pagar (Rm 13:1-8). Se um concidadão é culpado de um crime e eu não o denuncio, então eu me torno um cúmplice desse crime. Assim apresento uma falta de amor por ele e pela sociedade (Lv 19:17,18).



*E Não nos Deixeis
Cair em Tentação*

Esta sexta petição também começa com a palavra e, exigindo-nos que marquemos de perto sua relação com a petição anterior. A conexão entre elas pode ser estabelecida assim. Primeiro, a petição anterior diz respeito ao lado negativo de nossa justificativa, o

perdão, enquanto esta tem a ver com nossa santificação prática, não nos deixe cair em tentação; pois as duas bênçãos nunca devem ser cortadas. Em segundo lugar, sendo perdoados os pecados passados, devemos orar fervorosamente para que a graça nos impeça de repeti-los. Não podemos desejar com razão que Deus perdoe nossos pecados a menos que desejemos sinceramente que a graça atue contra os mesmos pecados no futuro. Devemos, portanto, fazer com que seja nossa prática implorar sinceramente por forças para evitar a repetição dos mesmos. Terceiro, na quinta petição oramos pela remissão da culpa do pecado; aqui pedimos a libertação de seu poder. A concessão de Deus ao primeiro pedido é encorajar a fé em nós para pedir-lhe que mortifique a carne e vivifique o espírito.

Antes de prosseguir, talvez seja melhor abrir caminho, eliminando algo que é uma dificuldade real para muitos. “Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta” (Tg 1:13). Que Deus não tenta nenhum homem significa que Ele não infunde o mal em ninguém e, nem é, de forma alguma, um parceiro conosco em nossa culpa. A criminalidade

de nossos pecados deve ser totalmente atribuída a nós mesmos, como Tiago 1:14 deixa claro. Mas os homens negam que seja de sua própria natureza corrupta que tais e tais males prosseguem, culpando suas tentações. E se eles são incapazes de fixar o mal nessas tentações, então eles procuram se desculpar lançando as culpas sobre Deus, como fez Adão: “A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi” (Gn 3:12).

É importante entender que a palavra tentação tem um significado duplo nas Escrituras, embora nem sempre seja fácil determinar qual das duas se aplica em uma determinada passagem:

- (1) tentar (a força de), pôr à prova; e
- (2) seduzir a fazer o mal.

Quando se diz que “pôs Deus Abraão à prova (ou tentou)” (Gn 22:1), isso significa que Ele o tentou, pondo à prova sua fé e fidelidade. Mas quando lemos que Satanás tentou a Cristo, isso significa que ele visou provocar sua queda, por mais impossível que isso seja. Tentar é fazer o julgamento de uma pessoa, a fim de descobrir o que ela é e o que fará. Podemos tentar a Deus de um modo legítimo e bom, colocando-o à prova em uma forma de dever, como quando esperamos o

cumprimento de sua promessa em Malaquias 3:10: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida”. Mas, como está registrado para nossa admoestação no Salmo 78:41, Israel tentou Deus de uma forma pecaminosa, agindo de tal forma que provocou Seu desagrado.

“E não nos deixeis cair em tentação”. Observe as verdades que estão claramente implícitas por estas palavras. Em primeiro lugar, a providência universal de Deus é de propriedade. Todas as criaturas estão à disposição de seu Criador; Ele tem o mesmo controle absoluto sobre o mal e sobre o bem. Nesta petição é feito um reconhecimento de que a ordenação de todas as tentações está nas mãos de nosso Deus onipotente e onisciente. Segundo, a justiça ofendida de Deus e o mal que merecemos são declarados. Nossa maldade é tal que Deus seria perfeitamente justo se Ele agora nos permitisse ser completamente engolidos pelo pecado e destruídos por Satanás. Em terceiro lugar, sua misericórdia é reconhecida. Embora o tenhamos

provocado tão gravemente, pelo amor de Cristo, Ele perdoou nossas dívidas. Por isso, rogamos que Ele nos preserve adiante. Em quarto lugar, nossa fraqueza é reconhecida. Porque percebemos que somos incapazes de resistir às tentações em nossas próprias forças, oramos: “E não nos deixeis cair em tentação”.

Como Deus nos leva à tentação? Primeiro, Ele o faz objetivamente quando suas providências, embora boas em si mesmas, oferecem ocasiões (por causa de nossa depravação) para o pecado. Quando manifestamos nossa auto-retidão, Ele pode nos levar a circunstâncias como a experiência de Jó. Quando temos auto-confiança, Ele pode ficar satisfeito de nos fazer sofrer para sermos provados como Pedro foi. Quando somos auto-complacentes, Ele pode nos colocar em uma situação semelhante à que Ezequias encontrou (2 Cr 32:27-31; 2 Rs 20:12-19). Deus conduz muitos à pobreza, embora uma provação dolorosa ainda seja, sob Sua bênção, muitas vezes enriquecedora para a alma. Deus leva alguns à prosperidade, o que é uma grande armadilha para muitos. No entanto, se santificada por Ele, a prosperidade santificadora amplia a sua capacidade de ser útil no reino. Em segundo lugar, Deus

tenta permissivamente quando Ele não prende Satanás (o que Ele não é obrigado a fazer). Às vezes Deus o faz para nos peneirar como trigo, da mesma forma que um vento forte arranca os ramos mortos das árvores vivas. Terceiro, Deus tenta alguns homens judicialmente, punindo seus pecados ao permitir que o Diabo os conduza a mais pecado, à destruição final de suas almas.

Mas por que Deus tenta Seu povo, objetivamente por meio de suas providências, ou subjetiva e permissivamente por meio de Satanás? Ele o faz por várias razões. Primeiro, Ele nos tenta para nos revelar nossa fraqueza e nossa profunda necessidade de sua graça. Deus retirou seu braço de sustentação de Ezequias “para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração” (2 Cr 32:31). Quando Deus nos deixa a nós mesmos, é muito doloroso e humilhante a descoberta que temos. No entanto, é necessário se quisermos orar de coração: “Sustenta-me, e serei salvo e sempre atentarei para os teus decretos” (Sl 119:117). Segundo, Ele nos testa a fim de nos ensinar a necessidade de vigilância e oração. A maioria de nós é tão estúpido e descrente que só aprendemos na dura escola da experiência, e até mesmo suas lições têm de

ser fortes em nós. Pouco a pouco descobrimos o quanto temos que pagar por precipitação, descuido e presunção. Em terceiro lugar, nosso Pai nos submete a provas a fim de curar nossa preguiça. Deus chama: “Desperta, ó tu que dormes” (Ef 5:14), mas nós não o escutamos; e por isso Ele frequentemente emprega servos rudes para nos despertar rudemente. Em quarto lugar, Deus nos põe à prova para nos revelar a importância e o valor da armadura que Ele dá (Ef 6:11-18). Se não estivermos equipados com nossa armadura espiritual, então não devemos nos surpreender com as feridas que recebemos; mas essas feridas terão o efeito salutar de nos tornar mais cuidadosos para o futuro!

De tudo o que foi dito acima, deve ficar claro que não devemos orar de forma simples e absoluta contra todas as tentações. O próprio Cristo foi tentado pelo Diabo e definitivamente conduzido ao deserto pelo Espírito para esse mesmo fim (Mt 4:1; Mc 1:12). Nem todas as tentações são más, independentemente do aspecto em que as vemos: sua natureza, seu projeto, ou seu resultado. É do mal das tentações que oramos para sermos poupados (como indica a próxima petição na oração), mesmo assim oramos de maneira submissa.

Devemos orar para não sermos levados à tentação; ou, se Deus julgar que devemos ser tentados, para não sermos entregues a isso; ou se cedermos, que não sejamos totalmente vencidos pelo pecado. Também não podemos orar por uma isenção total das provações, mas podemos pedir a remoção do julgamento de tais provações. Deus muitas vezes permite que Satanás nos ataque e nos moleste, a fim de nos humilhar, para nos levar até a Ele, e para glorificar-se, manifestando-nos mais plenamente o seu poder de preservação. Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (Tg 1:2,3).

Em suma, algumas observações sobre nossa responsabilidade em relação à tentação são apropriadas. Primeiro, é nosso dever evitar aquelas pessoas e lugares que nos seduziriam ao pecado, assim como é sempre nosso dever estar em alerta para os primeiros sinais da aproximação de Satanás (Sl 19:13; Pv 4:14; 1 Ts 5:22). Como disse um escritor desconhecido: “Aquele que carrega consigo tanto material inflamável faria bem em manter a maior distância possível do fogo”. Em segundo

lugar, devemos resistir com firmeza ao Diabo. Não devemos ceder um único centímetro ao nosso inimigo. Em terceiro lugar, devemos ir a Deus por graça submissa, pois à medida que Ele nos concede graça é de acordo com Seu próprio bom prazer (Fp 2:13).

“Você deve esforçar-se, de fato, para orar e usar todos os bons meios para sair da tentação; mas submeta-se, se o Senhor tiver o prazer de continuar seu trabalho sobre você. Não, embora Deus deva continuar a tentação, e por ora não dê as medidas de graça necessárias para você, não murmure, mas fique a seus pés; pois Deus é Senhor de sua própria graça”
(Thomas Manton).

Assim aprendemos que esta petição deve ser apresentada em subserviência à vontade soberana de Deus.



Mas Livra-nos do Mal

Esta sétima petição nos leva ao final da parte da petição do Pai Nosso Senhor. Os quatro pedidos que são para o suprimento de nossas próprias necessidades são, graça provedora (“dar-nos”), graça perdoadora (“perdoar-nos”), graça que previne (“não nos deixar cair em tentação”), e graça que preserva (“livra-nos”). É preciso observar cuidadosamente que em cada caso o

pronome está no plural e não no singular. Pois devemos suplicar não apenas por nós mesmos, mas por todos os membros da família de fé (Gl 6:10). Como isto demonstra o belo caráter familiar da oração verdadeiramente cristã. Pois nosso Senhor nos ensina a dirigir-nos a “nosso Pai” e a pensar em todos os seus filhos em nossos pedidos. Na couraça do sumo sacerdote estavam inscritos os nomes de todas as tribos de Israel — um símbolo da intercessão de Cristo no alto. Assim, também, o Apóstolo Paulo ordena que supliquemos “por todos os santos” (Ef 6:18). O amor-próprio cala as entranhas da compaixão, confinando-nos aos nossos próprios interesses; mas o amor de Deus derramado no exterior em nossos corações nos torna solícitos em nome de nossos irmãos.

“**Mas livrai-nos do mal**”. Não podemos concordar com aqueles que restringem a aplicação da palavra mal aqui apenas ao Diabo, embora sem dúvida ele seja principalmente destinado a ele. O grego pode, com a mesma propriedade, ser transformado ou no mal ou na coisa má; de fato, ele é traduzido das duas maneiras.

“Somos ensinados a orar por libertação de todos os tipos, graus e ocasiões do mal; da malícia, poder e

sutileza dos poderes das trevas; deste mundo mal e de todos os seus encantos, laços, temperamentos e enganos; do mal de nossos próprios corações, para ser contido, subjugado e finalmente extirpado; e do mal do sofrimento” (Thomas Scott).

Esta petição, portanto, expressa um desejo de ser protegido de tudo o que realmente nos é prejudicial, e especialmente do pecado.

É verdade que, em contradição com Deus, o Santo, Satanás é chamado de “o maligno” (Ef 6:16; 1 Jo 2:13,14; 3:12; 5:18,19). Mas também é verdade que o pecado é maligno (Rm 12:9), o mundo é maligno (Gl 1:4), e nossa própria natureza corrupta é má (Mt 12:35). Além disso, as vantagens que o Diabo ganha sobre nós são por meio da carne e do mundo; pois eles são seus agentes. Portanto, esta é uma oração para a libertação de todos os nossos inimigos espirituais. É verdade que fomos libertados do “império das trevas” e trazidos para o reino de Cristo (Cl 1:13), e que, como consequência, Satanás não tem mais nenhuma autoridade legal sobre nós. No entanto, nosso adversário exerce um poder opressivo e impressionante: embora ele não possa nos

governar, é permitido molestar-nos e assediar-nos. Ele agita os inimigos para nos perseguir (Ap 12:13), ele inflama nossas luxúrias (1 Cr 21:1; 1 Co 7:5), e ele perturba nossa paz (1 Pe 5:8). É, portanto, nossa constante necessidade e dever orar por sua libertação.

O dispositivo favorito de Satanás é incitar-nos ou enganar-nos em um pecado ao qual estamos particularmente inclinados. Portanto, precisamos estar em constante oração para que nossas corrupções naturais possam ser mortificadas. Quando ele não pode causar alguma luxúria grosseira para tyrannizar um filho de Deus, ele trabalha para que ele cometa algum ato maligno pelo qual o nome de Deus seja desonrado e seu povo ofendido, como ele fez no caso de Davi (2 Sm 11). Quando um crente cai no pecado, o Diabo procura torná-lo leve, para que ele não tenha remorsos por isso. Quando Deus nos castiga por nossas faltas, Satanás se esforça para nos fazer temer o castigo de nosso Pai ou então para nos levar ao desespero. Quando ele falha nestes métodos de ataque, então ele estimula nossos amigos e parentes a se oporem a nós, como no caso de Jó. Mas seja qual for sua linha de ataque, a oração pela libertação deve ser nosso recurso diário.

O próprio Cristo nos deixou um exemplo que deveria nos encorajar a oferecer esta petição, pois em sua intercessão em nosso favor o encontramos dizendo: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17:15). Observe como isto nos explica a conexão entre a cláusula que estamos a considerar agora e a que a precede. Cristo não orou absolutamente para que estivéssemos isentos da tentação, pois Ele sabia que seu povo deveria esperar agressões tanto de dentro como de fora. Portanto, Ele pediu não que fôssemos tirados deste mundo, mas que fôssemos guardados do mal. Ser afastado do mal do pecado é uma misericórdia muito maior do que ser afastado do problema da tentação. Mas até onde, pode-se perguntar, Deus se comprometeu a nos livrar do mal? Primeiro, Ele nos mantém longe do mal, na medida em que isso seria prejudicial aos nossos interesses mais elevados. Foi pelo bem maior de Pedro, e pelo bem do povo de Deus, que ele sofreu a queda temporária (Lc 22:31-34). Em segundo lugar, Deus impede que o mal ganhe o domínio total sobre nós, para não apostatarmos totalmente. Terceiro, Ele nos resgata do mal por uma libertação definitiva, quando Ele nos leva para o céu.

“Mas livrai-nos do mal”. Esta é uma oração, em primeiro lugar, pela iluminação divina, para que possamos detectar os dispositivos de Satanás (2 Co 2:11). A sabedoria humana é muito tola para saber lidar com aquele que pode se transformar em um anjo de luz (2 Co 11:14). Somente quando o Espírito graciosamente ilumina é que podemos discernir suas armadilhas. Segundo, esta é uma oração para que tenhamos força para resistir os ataques de Satanás, pois ele é poderoso demais para podermos resistir em nosso próprio poder. Somente quando formos energizados pelo Espírito, seremos impedidos de ceder voluntariamente à tentação ou de ter prazer nos pecados que cometemos. Em terceiro lugar, é uma oração de graça para mortificar nossas luxúrias, pois somente na medida em que matarmos nossas próprias corrupções internas poderemos recusar solicitações externas para pecar. Não podemos simplesmente lançar a culpa sobre Satanás enquanto damos licença para o mal de nossos corações. O ódio ao pecado precede sempre a libertação de seu domínio.

Em quarto lugar, esta é uma oração de arrependimento quando sucumbimos. O pecado tem

uma tendência fatal para matar nossas sensibilidades e endurecer nossos corações (Hb 3:13). Nada além da graça Divina pode nos libertar da indiferença e trabalhar em nós uma tristeza piedosa por nossas transgressões. As próprias palavras “livrai-nos” implicam que estamos tão profundamente mergulhados no pecado quanto uma besta presa na lama e deve ser arrastada a força. Em quinto lugar, é uma oração para retirar a culpa da consciência. Quando o verdadeiro arrependimento é comunicado, a alma é curvada com vergonha diante de Deus; não há alívio até que o Espírito asperge a consciência novamente com o sangue purificador de Cristo. Sexto, é uma oração para podermos ser tão libertos do mal que nossas almas sejam novamente restauradas à comunhão com Deus. Sétimo, é uma oração que Ele anulará nossas quedas por sua glória e para o nosso bem duradouro. Ter um desejo sincero por todas estas coisas é um sinal de favor de Deus.

O que oramos, devemos nos esforçar para praticar. Só escarnecemos de Deus, se pedimos a Ele que nos livre do mal e depois brincamos com o pecado ou nos apressamos para entrar no lugar da tentação. A oração e

a vigilância nunca devem ser separadas uma da outra. Devemos ter o cuidado especial de mortificar nossas luxúrias (Cl 3:5; 2 Tm 2:22), para não fazer provisões para a carne (Rm 13:14), para evitar toda aparência (ou forma) de maldade (1 Ts 5:22), para resistir ao Diabo com firmeza na fé (1 Pe 5:8,9), e para não amar o mundo, nem as coisas que nele estão (1 Jo 2:15). Quanto mais nosso caráter for formado e nossa conduta regulada pela santa Palavra de Deus, mais estaremos capacitados a vencer o mal com o bem. Trabalhemos diligentemente para manter uma boa consciência (At 24:16). Procuremos viver cada dia como se fosse nosso último na terra (Pv 27:1). Coloquemos nosso afeto nas coisas celestiais (Cl 3:2). Então podemos orar sinceramente: “Mas livrai-nos do mal”.



*Pois Teu é o Reino, o
Poder e a Glória
para Sempre. Amém!*

Este modelo de oração para os verdadeiros adoradores conclui com uma doxologia ou atribuição de louvor Àquele a quem se dirige, evidenciando a completude da oração. Cristo aqui ensinou seus

discípulos não apenas a pedir pelas coisas necessárias, mas a atribuir a Deus o que é propriamente seu. Ações de graças e elogios são uma parte essencial da oração. Particularmente, isto deve ser considerado em todo culto público, pois a adoração a Deus é o nosso dever primário. Certamente, se pedirmos a Deus que nos abençoe, o mínimo que podemos fazer é abençoá-lo. “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”, exclama Paulo (Ef 1:3). Pronunciar a bênção sobre Deus é apenas o eco e o reflexo de sua graça para conosco. O louvor devoto, como expressão de elevados afetos espirituais, é a linguagem própria da alma em comunhão com Deus.

As perfeições desta oração como um todo e a maravilhosa plenitude de cada cláusula e palavra nela contida não são percebidas por um olhar rápido e descuidado, mas tornam-se aparentes apenas por uma reflexão reverente. Esta doxologia pode ser considerada pelo menos de três maneiras:

- (1) Como uma expressão de louvor santo e alegre;
- (2) Como um apelo e argumento para fazer cumprir as petições; e

(3) Como uma confirmação e declaração de confiança de que a oração será ouvida.

Nesta oração, nosso Senhor nos dá a essência da verdadeira oração. Nos Salmos, a oração e o louvor são continuamente unidos. No Novo Testamento, o Apóstolo Paulo dá a seguinte instrução: “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças” (Fp 4:6). Todas as orações de santos eminentes, registradas na Bíblia, são misturadas com a adoração d'Aquele que habita nos louvores de Israel (Sl 22:3)

Nesta oração padrão, Deus é feito tanto o Alfa quanto o Ômega. Abre-se dirigindo-se a Ele como nosso Pai no céu; termina elogiando-o como o glorioso Rei do universo. Quanto mais Suas perfeições estiverem diante de nossos corações, mais espiritual será nossa adoração e mais reverentes e fervorosas serão nossas súplicas. Quanto mais a alma estiver empenhada na contemplação do próprio Deus, mais espontâneo e sincero será seu louvor. “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças” (Cl 4:2). Não é nosso fracasso neste ponto que é tão frequentemente a causa de nos ser

negada a bênção? “Louvem-te os povos, ó, Deus; louvem-te os povos todos. A terra deu o seu fruto, e Deus, o nosso Deus, nos abençoa” (Sl 67:5,6). Se não louvamos a Deus por suas misericórdias, como podemos esperar que Ele nos abençoe com suas misericórdias?

“Pois Teu é o Reino”. Estas palavras estabelecem o direito universal e a autoridade de Deus sobre todas as coisas, pelo qual Ele as dispõe de acordo com seu prazer. Deus é soberano supremo na criação, na providência e na graça. Ele reina sobre o céu e a terra, estando todas as criaturas e coisas sob seu total controle. As palavras “e o poder” aludem à infinita suficiência de Deus para executar seu direito soberano e para cumprir sua vontade no céu e na terra. Porque Ele é o Todo-Poderoso, Ele tem a capacidade de fazer o que quer que lhe agrade. Ele nunca desanima nem se cansa (Sl 121:3, 4); nada é muito difícil para Ele (Mt 19:26); ninguém pode resistir a Ele (Dn 4:35). Ele pode e vai derrubar todas as forças que se opõem a Ele e à salvação da Igreja.

A frase “e a glória” expõe Sua inefável excelência: como Ele tem soberania absoluta sobre todos e poder proporcional para dispor de todos, Ele é, portanto,

todo-glorioso. A glória de Deus é o grande objetivo de todas as suas obras e caminhos, e de sua glória Ele é sempre invejoso (Is 48:11,12). A Ele pertence a glória exclusiva de ser o respondedor da oração.

Observemos em seguida que a doxologia é introduzida pela conjunção pois — “pois teu é o reino”. Esta doxologia não é apenas um reconhecimento das perfeições de Deus, mas um apelo muito poderoso para que nossas petições sejam ouvidas. Cristo está aqui nos ensinando a empregar o porquê da argumentação. Você é capaz de atender estes pedidos, pois Teu é o Reino.

Embora a doxologia sem dúvida pertença à oração como um todo e seja trazida para executar todas as sete petições, parece-nos ter uma referência especial e mais imediata à última: “mas livrai-nos do mal: pois Teu é o Reino...” Ó, Pai, o número e o poder de nossos inimigos são realmente grandes, e eles se tornam mais formidáveis por causa da traição de nossos próprios corações perversos. Contudo, somos encorajados a implorar por Tua assistência contra eles, porque todas as tentativas feitas pelo pecado e Satanás contra nós são atentados a Tua soberania e domínio sobre nós e um atentado à promoção de Tua glória por nós.

“Pois Teu é o Reino, e o poder, e a glória para sempre”. Que incentivo está aqui! Duas coisas inspiram especialmente confiança para com Deus na oração: a realização de que Ele está disposto e que Ele é capaz. Ambos estão aqui intimidados. Que Deus nos pede, através de Cristo Seu Filho, que nos dirijamos a Ele como nosso Pai. Tal pedido é uma indicação de seu amor e uma garantia de seu cuidado por nós. Mas Deus também é o Rei dos reis, possuindo um poder infinito. Esta verdade nos assegura sua suficiência e garante sua capacidade. Como o Pai, Ele sustenta seus filhos; como o Rei, Ele defenderá seus súditos. “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem” (Sl 103:13). “Tu és o meu rei, ó Deus; ordena a vitória de Jacó” (Sl 44:4). É pela honra e glória de Deus que Ele manifesta seu poder e se mostra forte em nome de seu povo. “Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!” (Ef 3:20,21).

Primeiro, somos ensinados a fazer valer nossas

petições com argumentos extraídos das perfeições Divinas. A realeza universal de Deus, seu poder e sua glória devem ser transformados em apelos prevalectes para obter as coisas de que precisamos. Em segundo lugar, somos claramente orientados a unir petições e elogios em nossas orações. Em terceiro lugar, somos ensinados a orar com a maior reverência. Como Deus é um Rei tão grande e poderoso, Ele é de se temer (Is 8:13). Daí que devemos nos prostrar diante d'Ele em completa submissão a sua vontade soberana. Quarto, somos instruídos a fazermos uma total rendição e sujeição de nós mesmos a Ele; de outra forma, não fazemos nada senão zombar de Deus quando reconhecemos verbalmente seu domínio sobre nós (Is 29:13). Em quinto lugar, ao orarmos assim, somos treinados para fazer de sua glória nossa principal preocupação, esforçando-nos para caminhar de modo que nossas vidas demonstrem seu louvor.

“Para sempre”. Quão grande é o contraste entre o Reino, o poder e a glória de nosso Pai e o domínio fugaz e a glória evanescente dos monarcas terrenos. O Ser glorioso a quem nos dirigimos em oração é “de eternidade a eternidade” (Sl 90:2). Cristo Jesus, em

quem Ele é revelado e através de quem a oração é oferecida, “ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8). Quando oramos direito, olhamos além do tempo para a eternidade e medimos as coisas presentes por sua conexão com o futuro. Quão solenes e expressivas são estas palavras para sempre! Os reinos terrestres decaem e desaparecem. O poder da criatura é fraco e momentâneo. A glória dos seres humanos e de todas as coisas mundanas desaparecem como um sonho, mas o reino e o poder e a glória de Jeová não são suscetíveis às mudanças nem diminuições, e não conhecerão fim algum. Nossa abençoada esperança é que, quando o primeiro céu e a primeira terra tiverem passado, o reino, o poder e glória de Deus serão conhecidos em sua maravilhosa realidade através de toda a eternidade.

“**Amém.**” Esta palavra intimida as duas coisas necessárias na oração, a saber, um desejo fervoroso e o exercício da fé. Para a palavra hebraica Amém (muitas vezes traduzida como “verdadeiramente” no Novo Testamento) significa “assim seja” ou “assim será”. Este duplo significado de súplica e expectativa é claramente sugerido no duplo uso do Amém no Salmo 72:19:

“Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra. Amém e amém!” Deus determinou que assim seja, e toda a Igreja expressa seu desejo: “Assim seja”. Este “Amém” pertence e se aplica a cada parte e cláusula da oração: “Santificado seja o Teu nome. Amém” — e assim por diante. Ao proferir o Amém, tanto em orações públicas como privadas, expressamos nossos anseios e afirmamos nossa confiança no poder e na fidelidade de Deus. É em si uma petição condensada e enfática: acreditando na veracidade das promessas de Deus e apoiando-nos na estabilidade de seu governo, nós acalentamos e reconhecemos nossa esperança, confiantes em uma resposta graciosa.

FIM!

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. **Comprar uma cópia física;**
2. **Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;**
3. **Tradução, Revisão ou Narração (contato@legadoreformado.com)**
4. **Deixar uma review no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.**

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.

O PAI NOSSO

OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS



A Cruz **J.C. Ryle**

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão**.

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão**.

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos**.

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos**.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)

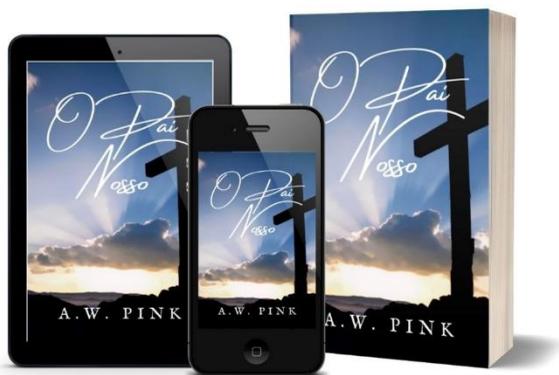


Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousou dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

[**CLIQUE AQUI PARA LER**](#)



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Orgulho e Humildade **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Julgai Todas as Coisas
J.C. Ryle

Dê-me sua atenção por alguns minutos, e tentarei mostrar o que quero dizer. Havia três grandes doutrinas ou princípios que venceram a batalha da Reforma Protestante:

- A suficiência e supremacia da Escritura Sagrada.
- O direito de julgamento privado.
- Justificação somente pela fé, sem as ordenanças da lei.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)